

A programação do rádio brasileiro do campo público: um resgate da Segunda Fase histórica, dos anos 40 ao início dos 70¹

Valci Regina Mousquer Zuculoto²

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

Resumo

Este artigo é um resgate ainda inicial da segunda fase histórica do rádio do campo público no Brasil - meados dos anos 40 ao início dos 70. Está focado nas concepções e linhas gerais de programação das emissoras naquele período. Analisa e reflete sobre a construção desta programação, evidenciando influências e trajetórias para a constituição do campo público da radiodifusão brasileira, recortado em emissoras estatais, educativas, culturais e universitárias. Categorizamos esta fase como do Desenvolvimento do Educativo, na qual este segmento efetivamente passa a se firmar com programas de educação até mesmo formal, com aulas pelo rádio. Também é quando começa a implantação de rádios educativas vinculadas a universidades. A primeira foi a da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que entrou no ar em 1957.

Palavras-chave

História do Rádio brasileiro; Programação Radiofônica; Rádio Público; Rádio Estatal; Rádio Educativo

O resgate inicial da Segunda Fase de construção da radiofonia do campo público no Brasil proposto neste artigo faz parte de pesquisa mais ampla sobre a constituição histórica das programações de emissoras de rádio brasileiras não-comerciais estatais, educativas, culturais e universitárias. Emissoras que até o final dos anos 90 eram designadas como integrantes do sistema educativo de rádio e hoje, na sua maioria, colocam-se como estações públicas. A pesquisa mais ampla, para Tese de doutoramento intitulada “A construção histórica da programação de rádios brasileiras do campo público”, é um estudo histórico-descritivo que evidencia modelos referenciais e as principais concepções e linhas que vêm orientando as grades de programação destas rádios ao longo dos mais de 70 anos de história que já construíram na radiodifusão brasileira, desde meados da década de 30 do século passado até esta primeira década dos anos 2000.

Especificamente neste artigo analisamos e refletimos sobre as principais linhas e concepções das programações da Segunda Fase histórica destas emissoras. Esta Fase é

¹ Trabalho apresentado a DT4/GP Rádio e Mídia Sonora, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Valci Zuculoto é professora do Curso de Jornalismo da UFSC, jornalista graduada pela UFRGS, mestre e doutoranda em comunicação na PUCRS, como bolsista da Capes. Também é diretora da FENAJ e Conselheira do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo. Autora de diversos artigos, capítulos e organização de livros publicados. Já trabalhou na Zero Hora, Rádio Gaúcha, Isto É, O Globo e foi diretora da FM Cultura/RS. E-mail: valci@cce.ufsc.br

por nós categorizada como se estendendo de meados dos anos 40 até o início dos 70. Buscamos, no resgate e análise das programações deste período, evidenciar de que maneira, sob quais influências, diretrizes e concepções, as emissoras estatais, educativas, culturais e universitárias – então conhecidas como do segmento educativo – foram estabelecendo e consolidando as suas grades e seus programas.

Na Era do Rádio, um breve panorama da radiofonia do campo público

Partimos de uma periodização histórica específica deste grupo de rádios, que elaboramos ainda durante as etapas, para a pesquisa maior, de coleta de dados e informações, levantamento de registros, realização de entrevistas e revisão bibliográfica. Sublinhamos cinco grandes períodos históricos. Resumidamente, são os seguintes:

1ª fase – Pioneira – mesmo com início histórico demarcado em 1936, precisa ser analisada desde os anos 20 do século passado, quando a radiofonia geral é implantada no Brasil, pois ainda não havia a divisão em sistemas comercial e não-comercial. Estende-se pelos anos 20, 30 e início dos 40; **2ª fase – Desenvolvimento do Educativo** – é aquela em que o segmento efetivamente começa a se desenvolver. Busca firmar-se como educativo, incluindo, com ênfase, produção e transmissão de programas de ensino formal, com aulas pelo rádio. Também é a fase do advento das rádios educativas vinculadas a universidades. A primeira emissora universitária foi a da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, inaugurada oficialmente em 1957. Vai de meados dos anos 40 aos primeiros dos 70; **3ª fase – Fase de Ouro do Rádio Educativo** – pode ser classificada como a “época de ouro” da história da radiofonia do campo público, com o apogeu do Rádio Educativo. Período de consolidação da radiofonia mais voltada para o ensino instrucional. Também da educação não-formal, com formação de cadeias retransmissores, tendo a Rádio MEC-Rio como a cabeça de rede principal e a Cultura AM de São Paulo, agora já não-comercial, como referência em franca consolidação. É a fase do SINRED – Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa, que reúne emissoras educativas em co-produções e transmissões de programas em cadeia nacional³. Inclui as décadas de 70 e 80; **4ª fase – A explosão das FMs universitárias** – com o grande crescimento do número das FMs também no campo público, pela disseminação de concessões a universidades, é a fase da organização conjunta, em especial das emissoras universitárias. O então chamado sistema educativo busca organizar-se através de redes formais e informais. A Rádio MEC tenta reeditar o SINRED. Mas uma das grandes movimentações deste período é o trabalho integrado de coberturas das SBPCs - Reuniões

³ Conforme histórico cronológico da Rádio MEC do Rio de Janeiro disponível em seu site, as primeiras atividades do SINRED foram informais, em 1982, com a co-produção de duas séries educativas e culturais: ‘Coisas da Província’ e ‘Meu Brasil Brasileiro’. O objetivo do SINRED era produzir e transmitir, em cadeia nacional, programas com manifestações culturais de cada região do Brasil, para intercâmbio de informações. Mas somente em 1983 se dá a instituição oficial do SINRED, através da Portaria 344 do MEC. No início do sistema oficial, duas séries co-produzidas se destacaram: ‘Perfis Brasileiros’ e ‘Esses Moços’. O SINRED funcionou até 1988. Neste ano foi desativado e em 1994, houve tentativa de reativá-lo, inclusive através de uma nova portaria ministerial, mas sem êxito.

Anuais da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - pela Rede Universitária de Rádios. Embora tivesse, entre as coordenadoras, a Rádio MEC-Rio e contasse com a integração de outras estatais, a Rede para coberturas das SBPCs fez história comandada principalmente pelas universitárias, daí o seu título. A fase se estende por todos os anos 90 e também é caracterizada pelo fato de as próprias emissoras passarem a se autodenominar rádios públicas; **5ª fase – A construção do Sistema Público?** – Situa-se no início do século 21, dos anos 2000, e chega aos dias atuais fervilhando em discussões, polêmicas e tentativas de definições e de construção, afinal, do sistema público de rádio. Em especial a partir do governo federal que, depois de instituir a TV Pública, criando a EBC –Empresa Brasileira de Comunicação, busca a constituição do Rádio Público. Sob o comando da ARPUB (Associação das Rádios Públicas do Brasil) e da Radiobrás, principalmente, em 2007 realiza-se o I Fórum Nacional de Rádios Públicas. Em 2008, o governo Lula institui, na EBC, a Superintendência de Rádio, nomeando para comandá-la o diretor da Rádio MEC do Rio de Janeiro e presidente da ARPUB, Orlando Guilhon.(ZUCULOTO, 2008, p.1-15).

Embora a maioria destas emissoras tenha vinculação com o Estado, tanto na nossa pesquisa maior como neste artigo, as situamos no que entendemos como o “campo público” da radiodifusão. Aquele que abriga todas as emissoras de rádio não comerciais. Por esta compreensão, portanto, o campo público da radiofonia brasileira inclui além destas que são nosso objeto de estudo, também as emissoras vinculadas aos poderes legislativo e judiciário, além das comunitárias⁴.

Se classificássemos estas emissoras que estudamos – estatais, educativas, culturais e universitárias - exclusivamente com base na Constituição em vigor, não seria possível reuni-las num mesmo sistema. Isto porque a Carta, de 1988, estabelece três sistemas para a radiodifusão: o privado, o estatal e o público. Mas como até hoje não houve regulamentação e a legislação que disciplina a radiodifusão, da década de 60, continua a mesma e está totalmente desatualizada, permanece não apenas a confusão em termos legais, como também a conceitual acerca do alinhamento destas emissoras de acordo com sua natureza, se pública ou estatal. Hoje existem cerca de 400 destas emissoras estatais, educativas, culturais e universitárias no país. Não é possível observar o número exato no Ministério das Comunicações porque este ainda não procede uma classificação adequada aos três sistemas da Constituição. Sua categorização permanece

⁴A Associação Brasileira das Rádios Comunitárias, a ABRAÇO, considera que as únicas emissoras realmente públicas existentes no Brasil são as comunitárias.

dividindo as emissoras entre FMs COMERCIAIS; FMs EDUCATIVAS; RÁDIOS COMUNITÁRIAS; ONDAS MÉDIAS; ONDAS CURTAS; ONDAS TROPICAIS

Na periodização que realizamos, ficou evidente que a Rádio MEC do Rio de Janeiro (AM) e a Cultura de São Paulo (também AM) constituem emissoras referenciais nacionalmente no campo público da radiodifusão. E já na fase histórica que analisamos no presente artigo – meados da década de 40 até início dos anos 70 – são os grandes destaques. A Cultura AM de São Paulo iniciou suas operações em 1936, como propriedade da família Fontoura. E como as primeiras emissoras daqueles tempos pioneiros da radiodifusão brasileira, definia sua missão como educativa-cultural. Mas a linha educativa da Cultura vai-se aprofundar posteriormente, quando, no final da década de 60, passa a ser controlada pela Fundação Padre Anchieta e assim, a integrar o então chamado segmento educativo da radiodifusão nacional.

A nova rádio, como o próprio nome declarava, já nasceu com o propósito de divulgar as atividades artísticas-culturais da capital paulistana. Em 1959 foi adquirida pelo Grupo Diários Associados que a transferiu, no final dos anos 60 - juntamente com a TV Cultura – ao controle da Fundação Padre Anchieta. A partir de então, em obediência aos estatutos da Fundação, amplia seus objetivos, voltando-se para o enriquecimento educacional e cultural de seu público ouvinte (FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA, 1989, p.89).

Hoje, a Cultura da Fundação Padre Anchieta opera duas emissoras - uma AM e outra FM -, que embora se apresentem como veículos não governamentais, conceituando-se como “emissoras públicas”, foram instituídas pelo governo estadual e dele recebem o aporte maior para sua manutenção. A MEC-Rio, na atualidade, é constituída por três emissoras – a MEC AM, a MEC FM e a MEC SAT. Nasceu da doação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, de Roquette-Pinto, ao Ministério da Educação, em 1936. Desde então, portanto, foi vinculada ao governo federal, nos últimos anos vinha realizando uma transição para se transformar em Organização Social, mas agora faz parte da EBC criada pelo governo Lula para a constituição do sistema público de radiodifusão.

Nesta Segunda Fase da história da radiodifusão do campo público, também já se destaca, entre as emissoras do segmento, a Rádio Inconfidência de Minas Gerais, vinculada ao governo daquele estado e igualmente estabelecida no ano de 1936. Este

período histórico também é demarcado pela criação da primeira emissora universitária do país, a Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, estabelecida em 1957.

Rápido traçado dos percursos metodológicos

Fizemos opções metodológicas que dão conta de compreender que a trajetória da programação destas emissoras é uma construção histórica permanente, que tem passado por transformações, influências, cruzamentos e mediações com outros aspectos, segmentos e áreas sociais, econômicas, políticas e culturais. Por isso, adotamos a Dialética como método-maior a orientar nossas estratégias metodológicas.

Compreendemos o método dialético como paradigma. Assim, o tomamos como balizador das nossas opções metodológicas. Isto porque, como diz Demo (2000, p.98), a Dialética “sabe apontar para o caráter contraditório e ambíguo da realidade e de si mesma”. Também pesquisamos com base na DHE, a Dialética Histórico Estrutural, esta por se situar num meio termo entre objetivismo e subjetivismo. Por se tratar de pesquisa histórica, ainda adotamos a ideia da “história propriamente dita da comunicação” de SCHUDSON (1993, p. 214), porque considera a relação dos meios de comunicação com a história cultural, política, econômica ou social. Ou seja, não nos limitamos apenas ao resgate memorial. Analisamos a história como “um campo de possibilidades” (VIEIRA, PEIXOTO e KHOURY, 2006, p. 11). Como as emissoras que estudamos se proclamam públicas e destacam que suas programações têm como missão levar educação e cultura à sociedade, sempre guiadas pelo interesse público, nossas principais categorias de análise são: programação de rádios públicas, programação educativa, programação cultural e interesse público na comunicação.

Num sentido amplo, observamos programação como arte do encontro entre os programas e seus públicos. E para o caso específico destas emissoras, compreendemos que a programação de rádios públicas mais ainda devem levar em conta necessidades de suas audiências. Por isso, precisam mesmo ser educativas, disseminar a cultura e atender aos interesses, em termos de comunicação, da sociedade. Também devem ser programações que contêm universalidade, diversidade, regionalização, independência e diferenciação, conforme defendem, entre outros, KAPLUN(1978), PIOVESAN NETO(1986), BLOIS (2003), CARMONA (2003), MATTOS(2003), UNESCO (2006), FNDC(2007), ARPUB(2009). Nossos referenciais, para todas estas compreensões, foram teóricos e estudiosos especialmente da área da comunicação, além

de instituições e profissionais envolvidos direta ou indiretamente com as emissoras pesquisadas. Referenciamos estes autores e entrevistados a medida que elaboramos a Tese e também o presente artigo.

Segunda fase histórica da radiofonia do campo público: o segmento educativo se desenvolve com ênfase no ensino pelo rádio

Este período histórico das emissoras do campo público - metade da década de 40 até o início de 70-, com as rádios, então, já começando a ser referidas como integrantes do segmento educativo, desenvolve-se sob a influência da Era de Ouro do rádio comercial. A Rádio Nacional do Rio de Janeiro, embora também estatal, trilha o mesmo caminho das programações das emissoras comerciais. Mais que isso: torna-se a rádio padrão do Brasil. Por isso, apesar de vinculada ao Estado, portanto dentro do campo público, paradoxalmente dita o modelo do rádio comercial do país, o sistema que hegemonizou as ondas radiofônicas brasileiras⁵. Enquanto a Rádio Nacional e todo o segmento comercial viviam sua fase áurea, as emissoras não-comerciais começam a se firmar como educativas, dando ênfase a programas definidos como voltados à educação e especialmente, ao ensino formal, transformando estúdios radiofônicos em verdadeiras salas de aula. Transmitiam de aulas de matemática até educação física, passando pelo inglês, português, história, entre outras matérias escolares.

Principalmente nesta fase, a MEC se torna “a mais concretizada expressão da radiodifusão educativa”, conforme classifica BLOIS (2007, p.141-145) ao analisar o papel educativo da emissora do Ministério da Educação. Conforme a estudiosa de educação pelo rádio, teleducação e educação a distância, a Rádio MEC sempre buscou não se afastar dos princípios que a nortearam desde que era Sociedade. Assim relata a construção da sua programação a partir do momento em que foi doada ao governo federal:

A MEC traz, então, para seus quadros, grandes nomes da literatura, do teatro, da cultura em geral, ancorada no grande prestígio da emissora nos meios intelectuais. A música constitui-se um caso à parte em sua programação. Ter uma orquestra sinfônica e quartetos musicais, além de contar com um estúdio sinfônico, único no país, possibilita colocar no ar programas que permitem ao público ter contato com grandes maestros, cantores e músicos. O Teatro ganha destaque na MEC, que

⁵ Resgates mais amplos sobre as influências da fase de ouro da radiofonia comercial na programação das emissoras do campo público são feitos em outro trabalho de pesquisa por nós produzido. Suas reflexões aprofundadas fazem parte da nossa Tese A construção histórica da programação de rádios brasileiras do campo público, em elaboração.

radiofoniza peças de autores nacionais e estrangeiros, na interpretação de renomados atores. [...] A Educação é um caso à parte desde o início, quando professores do Colégio Pedro II ministravam suas aulas radiofônicas a convite do mestre Roquette.[...] (BLOIS (2007, p. 142-143).

Em busca de cumprir cada vez mais a função educativa que se impôs desde Roquette-Pinto, além de programas de música erudita e, nesta fase, também já com MPB, a MEC produz e alimenta sua grade diária com maior volume de programas de educação. Neste gênero, entram tanto programas radiofônicos convencionais com caráter de educação num sentido mais amplo quanto aqueles que transformam o ensino formal e suas aulas em estúdios de rádio. Nesta época, na Rádio MEC, um exemplo de sucesso do primeiro grupo é Reino da Alegria, programa que entrou no ar em 1945, destinado ao público infanto-juvenil, com textos e músicas que procuravam ensinar sobre temáticas variadas. Conforme depoimento da apresentadora e produtora do programa, Geny Marcondes, Reino da Alegria contava inclusive com uma espécie de polígrafos, elaborados manualmente, para acompanhamento do público: “tinha uns livrinhos, que nós editávamos na Rádio, feitos à mão, com as letras das canções.[...]” (MILANEZ, 2006, p. 146-147). Outro exemplo de programa educativo não-formal é o Programa Universitário, comandado e produzido por Artur da Távola, semanalmente, a partir de 1956. De acordo com depoimento do produtor, a produção tinha como público alvo os estudantes universitários, tratando de temas de seu interesse e com programação musical de sua preferência.

Eu estudava na Faculdade de Direito da UFRJ. De repente, veio-me à cabeça a ideia de fazer um programa universitário, que reunisse a música dos universitários, as idéias dos universitários, a literatura, enfim... Tomei coragem e fui, no peito e na raça, procurar o diretor da Rádio, o professor Fernando Tude de Souza. [...]o organizador da programação, René Cavé foi muito amável, só me disse uma coisa: - eu só peço a você que tenha continuidade.[...](MILANEZ, 2006, p.147-148).

A Rádio MEC, neste período histórico da radiofonia do campo público, ainda conta, no seu esforço de educar pelas ondas radiofônicas, com transmissão de aulas formais, especialmente por meio da série Colégio no Ar, produzida pelo Serviço de Radiodifusão Educativa do MEC, integrado pela emissora. Meados dos anos 50 e década de 60, a Matemática era ensinada em pelo menos um dos programas integrantes

do Colégio no Ar: o Curso de Matemática, que incluía até História da Matemática, produzido e apresentado pelo educador Manoel Jairo Bezerra (MILANEZ, 2006, p. 149-150). A época, na Rádio MEC, foi efetivamente de muitas transformações na programação sempre em busca de avançar na construção de um perfil educativo-cultural. Para tanto, vários outros programas educativos, instrucionais e mesmo artísticos e musicais passaram a integrar a grade. “O rádio instrutivo, por sua vez, ficava a cargo do SRE, que inicialmente passou a realizar cursos de Português, Inglês e Geografia, com duas aulas semanais, transmitidas regularmente pela Rádio Ministério da Educação e Cultura”, informa PRADO PIMENTEL (1999, p.34).

Boa parte destes programas de ensino formal contava com material de apoio para os ouvintes e se complementava por correspondência. Até mesmo aulas de Educação Física eram ministradas. Na MEC, estas aulas se chamavam Hora da Ginástica, programa também veiculado por várias outras emissoras de São Paulo e do Rio de Janeiro, inclusive comerciais. A MEC retransmitiu o programa de 1948 a 1956 dentro da Rede Saúde, em parceria com a Rádio Globo. Mas a partir de 56, “conseguiu realizar o seu sonho: ter o programa transmitido, ao vivo, diretamente de seus estúdios” (MILANEZ, 2006, p. 148).

Na Segunda Fase histórica da radiofonia do campo público, também se destacam na MEC: a série “Pensando no Brasil”, com o Almirante Álvaro Alberto, do Conselho Nacional de Pesquisa, Austreségilo de Athayde, da Academia Brasileira de Letras, e Basílio Machado Mello, da Confederação das Indústrias; “Música e Músicos do Brasil”, de ênfase à música brasileira; “Quadrante”, com leituras diárias de crônicas de Manuel Bandeira Paulo, Mendes Campos, Rubem Braga, Cecília Meireles e Carlos Drummond de Andrade, entre outros cronistas, produzido e apresentado por Paulo Autran (disponível em <http://www.radiomec.com.br/70anos/>).

Em 1970, sob a coordenação do Serviço de Radiodifusão Educativa do MEC, começa a ser produzido e transmitido o Projeto Minerva. A Rádio MEC participa da produção e é uma das suas retransmissoras, assim como as demais emissoras do país. Conforme dados disponíveis no próprio site da emissora, na primeira fase, o projeto atingiu 175 mil alunos ouvintes, num total de 19 estados do país. Na segunda fase, foram produzidos e transmitidos 560 programas-aulas, alcançando 370.381 alunos, em 3.813 municípios brasileiros. O Projeto Minerva, pelos seus objetivos, linhas

programáticas, estrutura de produção e transmissão, pode ser resgatado como a maior expressão do período em que o rádio do campo público, ainda com algumas dezenas de emissoras, consolidou seu perfil voltado à educação e cultura. E então, o segmento passou a ser designado como sistema educativo de rádio. Esta consolidação com a ênfase na educação radiofônica é traduzida, por exemplo, em depoimentos de produtores da Rádio MEC que atuaram no Projeto. Um deles é de Mauricéia Drumond da Silveira, que além de atuar no Minerva, chefiou a área de educação e Ondas Curtas da MEC:

Foi uma época áurea na Educação, com valorização do trabalho que se fazia, respeito às pessoas envolvidas, que se dedicavam cada vez mais porque acreditavam na educação a distância e porque os resultados obtidos provaram que não eram em vão nossos esforços.[...]
(MILANEZ, 2006, p. 153).

A Rádio Cultura de São Paulo trilhou caminho semelhante ao da MEC neste período, a partir do final dos anos 60, quando se transformou de rádio comercial em emissora de vinculação estatal, ao ter seu controle transferido dos Diários Associados para a Fundação Padre Anchieta.

Já em 1970 desenvolveu – desde a redação até a produção – seu primeiro projeto educacional. Foi a versão radiofônica do curso Supletivo de Primeiro Grau, que fez parte das emissões do Projeto Minerva para todo país. Além deste, foram também criados diversos outros projetos educativos como as aulas de idiomas, história, matemática e português (FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA, 1989, p.89).

As aulas de ginástica também passaram a integrar a grade da emissora paulista e podiam ser acompanhadas através de polígrafos distribuídos aos ouvintes. Em relação à programação artística-cultural, as produções se acentuaram na divulgação da agenda de espetáculos, exposições e demais atividades da área, mas especialmente na produção de programas informativos, de resgate, debates e críticas sobre cultura. A transmissão de música erudita, uma marca do período do rádio pioneiro e depois das chamadas emissoras educativas, também prosseguiu como meio de educação e disseminação cultural. Mas a transformação e ênfase maiores acontecem quanto à música popular brasileira, que passa a ser privilegiada na grade e posteriormente, acaba por se tornar o carro-chefe da programação musical da Cultura.

No aspecto cultural, os programas de informação eram dedicados às novidades do setor, divulgando as exposições, shows, cinema, teatro e literatura através de críticas, debates e entrevistas. É importante lembrar que a nova orientação assumida pela emissora privilegiava a Música Popular Brasileira. Desde o início, a Rádio Cultura AM da Fundação Padre Anchieta, preocupou-se em lançar e incentivar jovens artistas nacionais, alguns deles, hoje já consagrados (FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA, 1989, p.89).

Embora com vinculação estatal desde seu nascimento, a Rádio Inconfidência de Minas Gerais seguiu um caminho próprio, diferenciado das demais emissoras que então compunham o campo público. Não fez do ensino pelo rádio uma das suas principais linhas e se aproximou muito mais, naquela fase histórica do sistema, do modelo comercial que teve como padrão a Rádio Nacional. A Inconfidência, muito mais que as outras educativas, viveu a Era de Ouro da radiofonia comercial, com o rádio espetáculo comandando sua grade.

[...] a Rádio Inconfidência, a grande emissora de todos os tempos do Estado e que fez história com os programas de auditório, o culto aos ídolos, os cantores, as orquestras, as novelas, os programas de humor. [...] A popularização da programação da Inconfidência veio com o sucesso da Rádio Nacional. Tudo o que a Rádio Nacional fazia, o Brasil inteiro copiava e com a Inconfidência não foi diferente. Esta opção pela popularização pode ter sido um dos caminhos encontrados pelo governador Juscelino Kubitschek que sonhava com a presidência da República e precisava de um veículo forte para chegar ao eleitor. Nos tempos áureos, o cast da Inconfidência chegou a reunir centenas de integrantes [...] (PRATA, 2003, p. 1-3).

O advento do segmento universitário

A primeira emissora universitária do país foi a Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Inaugurada em 1957, já funcionava como estação radioamadora desde 1950, ano em que recebeu “autorização para operação de uma emissora radiotelefônica destinada a ensinamentos...” (UFRGS, 2008, p. 5-7). A Rádio da Universidade, portanto, já começou como emissora voltada ao ensino e temas específicos da educação, principalmente os vinculados à instituição.

Inicialmente, a sua programação era constituída tão somente de boletins informativos sobre as atividades acadêmicas, formaturas, boletim astronômico e assuntos diversos ligados à Universidade. Posteriormente, começaram as irradiações de música, já na época especificamente a música erudita.[...] A surpreendente audiência começa “incomodar” as emissoras comerciais concorrentes [...]. Como a Rádio da Universidade estava infringindo a lei [...] deveria ser somente uma emissora-laboratório[...] recebe[...] uma ordem judicial

para que cesse suas transmissões[...], a rádio sai do ar (UFRGS, 2008, p.5 e 6).

Somente após obter licença definitiva para se oficializar como emissora de rádio, volta a transmitir, em caráter experimental, entre agosto e novembro de 57. E em 18 de novembro daquele ano, é oficialmente inaugurada.

Conclusões preliminares sobre a programação na Segunda Fase

De meados dos anos 40 até o início dos 70, as emissoras não comerciais da época traçam, mais acentuadamente, linhas de programação com perfil educativo-cultural que proclamam como sua missão. Em toda a área radiofônica – seja nas emissoras ou em projetos e movimentos que visam educar pelo rádio - encontramos, neste período, uma produção crescente de programas instrucionais. Ou seja, desenvolvem as raízes plantadas por Roquette-Pinto. Muitas rádios-escolas são espalhadas Brasil afora em forma de emissoras ou de serviços e projetos, todos dedicados exclusivamente a instruir pelas ondas radiofônicas. Exemplos são, entre diversos outros, os programas e estações do MEB (Movimento de Educação de Base), do Universidade no Ar, do SAR (Serviço de Assistência Rural, e do SIRENA (Sistema Rádio Educativo Nacional) do MEC. No início desta Segunda Fase histórica, o próprio Roquette-Pinto deixa a Rádio MEC, onde permaneceu comandando a programação mesmo após doar a sua Sociedade, para levar adiante seu projeto de rádio-escola.

Porém, as emissoras estatais, culturais, educativas e universitárias que nascem ou se consolidam na época aprofundam o desenvolvimento de um modelo educativo-cultural que analisamos como baseados em concepções ampliadas de educação e cultura: mesclam programas musicais, artísticos-culturais, educativos não-formais e formais, estes do mesmo modo que as rádios-escolas. Isto é, buscam educar com aulas, mas também com programação musical, artística, informativa/jornalística e até de entretenimento. O conteúdo é que define se são voltadas à educação e à disseminação da cultura.

Como conclusões ainda iniciais⁶, podemos refletir que as suas grades de programação parecem traduzir, realmente, a autoproclamada missão de educar e levar cultura à maior parte da população. Entretanto, é possível questionar as concepções de

⁶ Este artigo ainda está em construção. Por isso, estas são conclusões bem iniciais que deverão ser aprofundadas a medida que ampliarmos o resgate e análise da programação das rádios do campo público na sua Segunda Fase histórica, a época abarcada pelo presente artigo.

programas culturais e educativos que pautaram as emissoras neste período. Observa-se que assim como no rádio pioneiro, a programação musical, pelo menos no que se refere à música erudita, permanece voltada para poucos, ainda para a elite intelectual do país. Por influência das emissoras comerciais e sua fase de ouro, do rádio-espetáculo, as estações do campo público fazem movimentos em busca de uma audiência mais ampla, incluindo radioteatro, MPB e agendas culturais mais populares. Mas observamos que as programações ainda não contemplam, em grande parte, aos requisitos de universalidade, diversidade, regionalização, diferenciação e independência, defendidos como necessários a uma programação de rádio pública. Muitos de seus programas continuam atendendo uma elite cultural. E mesmo os que alcançam camadas mais populares, como já sublinhamos, foram influenciados pelo rádio comercial. Até a programação instrucional, de aulas pelas ondas radiofônicas, que provocou a inclusão das massas na audiência, evidencia linhas de conteúdo nem sempre adequadas às realidades de seus públicos-alvo.

Referências bibliográficas

ARPUB. **Carta de Princípios de 2004**. Disponível em:
<http://www.arpub.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=59&Itemid=217>.
Acessos em: 2007, 2008, 2009.

BLOIS, Marlene, **Florescem as FM Educativas no Brasil. Radiografia do radioeducativo no Brasil e os fatores favoráveis à ocupação dos canais de FM educativos**. Rio de Janeiro: UGF, 1996. Tese de Livre-Docência em Comunicação Televisão e Rádio. Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, 1996.

_____. **Rádio Educativo no Brasil. Uma história em construção**. In.: HAUSSEN, Dóris e CUNHA, Magda (Orgs). **Rádio Brasileiro – Episódios e Personagens**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

CARMONA, Beth, et al. **Rádio e TV como instrumentos da cidadania**. Salvador: Irdeb, 2003.

CRUVINEL, Tereza. **A TV Pública no Brasil**. In.: Congresso Estadual dos Jornalistas, 33, 2008. Santa Maria. Anais... Santa Maria: Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul, 2008.

CUNHA LIMA, Jorge da. **Televisão de qualidade: o papel do público e do privado**. In: Colóquio de Mídia e Agenda Social – desafios para a formação de estudantes e profissionais de Comunicação, 1, 2007. Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ANDI – Agência de Notícias dos Direitos da Infância, 2007.

DEMO, Pedro. **Metodologia do Conhecimento Científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

_____. **Dialética e Qualidade Política**. In: HAGUETTE, Teresa Maria Frota (org). **Dialética Hoje**. Petrópolis, RJ: 1990.

DEUS, Sandra de. **Rádios das Universidades Federais: função pública e compromisso laboratorial.** In.: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 26., GT de Rádio e Mídia Sonora, 2003. Belo Horizonte. Anais...Belo Horizonte: Intercom, PUCMG, 2003. 1CD.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Roquette-Pinto e o ensino pelo rádio.** In: MEDITSCH, Eduardo e ZUCULOTO, Valci (orgs). **Teorias do Rádio – Textos e Contextos.** Volume II, Florianópolis: Insular, 2008.

FNDC – Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação. **Propostas preliminares para um modelo de radiodifusão pública aplicável aos sistemas estatal e público de comunicação no Brasil.** Disponível em: <<http://www.fndc.org.br/arquivos/ContribuicaoFNDC.pdf>>. Acesso em: 20 de set. de 2007.

FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA. **Publicação de apresentação e sobre a história das emissoras da entidade.** São Paulo: Fundação Padre Anchieta, s.d.

_____. **Cultura 20 anos.** São Paulo: IMESP, 1989.

_____. **Jornalismo Público-Guia de Princípios.** São Paulo: Fundação Padre Anchieta, 2004.

GOMES, Wilson. **Jornalismo e Esfera Civil: O interesse público como princípio moral no jornalismo.** In: Aula Inaugural do II Curso de Especialização em Estudos de Jornalismo da UFSC, Florianópolis, setembro de 2002.

_____. **Jornalismo, fatos e interesses: ensaios de teoria do jornalismo.** Florianópolis: Insular, 2009.

GUILHON, Orlando. **Rádios Públicas: missão institucional, gestão democrática e modelo de financiamento.** In: Fórum Nacional de Rádios Públicas, 1, 2007. Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ARPUB, AMARC, Abraço, Astral, Acerp, Radiobrás, EBC, 2007.

HAUSSEN, Dóris Fagundes. **A produção científica sobre o rádio no Brasil: livros, artigos, dissertações e teses (1991-2001).** Disponível em: <www.pucrs.br/famecos/pesquisa/radionobrasil/artigo.pdf>. Acesso em: 23 jun 2008.

HAWKRIDGE, David e ROBINSON, John. **Organización de la radidifusión educativa.** Paris: Unesco, 1984.

KAPLÚN, Mario. **Producción de Programas de Radio. El guión - la realización.** Quito, Ecuador: Ediciones CIESPAL, 1978.

LEAL FILHO, Laurindo. **Televisão de qualidade: o papel do público e do privado.** In: Colóquio de Mídia e Agenda Social – desafios para a formação de estudantes e profissionais de Comunicação, 1, 2007. Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ANDI – Agência de Notícias dos Direitos da Infância, 2007.

LEWIS, Peter M. y BOOTH, Jerry. E. **El medio invisible – Radio pública, privada, comercial y comunitaria.** Barcelona: Paidós, 1992.

LOPES, Saint-Clair da Cunha. **Radiodifusão Hoje.** Rio de Janeiro: Editora Temário, 1970.

MARTÍ MARTÍ, Josep Maria. **La programación radiofónica**. In: MARTÍNEZ-COSTA, M^a Pilar y MORENO MORENO, Elsa. **Programación radiofónica – Arte y Técnica del diálogo entre la radio y su audiencia**. Barcelona: Ariel, 2004.

MARTÍNEZ-COSTA, M^a Pilar (coord.). **Información Radiofónica**. Barcelona: Ariel, 2002.

MATTOS, Sérgio. **O papel social do rádio: a mão dupla da comunicação**. In.: CARMONA, Beth, et al. **Rádio e TV como instrumentos da cidadania**. Salvador: Irdeb, 2003.

MEDITSCH, Eduardo Barreto Vianna. **A Rádio na era da informação – Teoria e Técnica do Novo Radiojornalismo**. Coimbra: Minerva, 1999.

_____(org). **Teorias do Rádio – Textos e Contextos**. Volume I, Florianópolis: Insular, 2005.

MILANEZ, Liana (org). **Rádio MEC: herança de um sonho**. Rio de Janeiro: ACERP, 2007.

MOREIRA, Sônia Virgínia. **O Rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991.

_____. **Rádio em Transição – Tecnologias e Leis nos Estados Unidos e no Brasil**. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2002.

PERUZZO, CÍCILIA MARIA KROLING. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

PIOVESAN NETO, A.P. **Rádio educativo, avaliando as experiências das décadas de 60/70**. In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling (org.). **Comunicação e educação: caminhos cruzados**. São Paulo: Loyola Intercom, 1986. p. 23-60.

PRADO PIMENTEL, Fábio. **O Rádio Educativo Brasileiro, uma visão histórica**. Rio de Janeiro: Soarmec Editora, 1999.

PRATA, Nair. **A História do Rádio em Minas Gerais**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 26., GT de Rádio e Mídia Sonora, 2003. Belo Horizonte. Anais...Belo Horizonte: Intercom, PUCMG, 2003. 1CD.

RÁDIO NACIONAL. **Rádio Nacional: 20 anos de liderança a serviço do Brasil, 1936-1956**. Publicação comemorativa da emissora. Rio de Janeiro: Rádio Nacional, s.d.

RÁDIO MEC. **Uma história de ética e pioneirismo**. Disponível em: <www.radiomec.com.br/textos/umahistoriadeeticaepioneirismo>. Acesso em: 12 de abril 2007.

RAMOS, Murilo César e SANTOS, Suzy dos (Orgs). **Políticas de Comunicação: buscas teóricas e práticas**. São Paulo: Paulus, 2007.

REDE UNIVERSITÁRIA DE RÁDIO. **Manual de Redação e Produção**. 1996, 1997, 1998, 1999, 2002.

ROMÃO, José Eduardo Elias. **Por um sistema de regulação adequado à Constituição**. In.:Revista ECO-PÓS / UFRJ - Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação - Vol.11, n.1 (2008) - Rio de Janeiro: ECO/UFRJ 2007.pp. 12-22.

RINCON, Omar (org.). **Televisão pública: do consumidor ao cidadão**. São Paulo: Friedrich Ebert Stiftung, 2002.

SANZ, Luiz Alberto. **Recursos para um Sistema Solidário, Pluralista, Comunitário e Iguatário – A Caminho do Sistema Nacional de Rádios, TVs e Produtoras Universitárias**. In: Encontro Nacional de Rádios, TVs e Produtoras Universitárias, 3, 1995. Goiânia. Anais... Goiânia, 1995.

SAROLDI, Luiz Carlos e MOREIRA, Sonia Virgínia. **Rádio Nacional – O Brasil em Sintonia**. 3. ed. [ampliada e atualizada]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

SCHUDSON, Michael. **Enfoques históricos a los estudios de la Comunicación**. In.: JENSEN, K.B. e JANKOWSKI, N.W.(eds). **Metodologias cualitativas de investigación em Comunicación de Masas**. Barcelona: Bosch, 1993.

UNESCO. **Radiotelevisión de servicio público: um manual de mejores prácticas**. San Jose, Costa Rica: Oficina de la UNESCO para América Central, 2006.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo, PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha e KHOURY, Yara Maria Aun. **A Pesquisa em História**. São Paulo: Ática, 2006.

ZUCULOTO, Valci. **As grandes fases do Rádio Público brasileiro: em busca de uma periodização para pesquisas históricas deste segmento da radiofonia nacional**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Intercom, 31, Encontro dos Núcleos de Pesquisa, 4, NP Rádio e Mídia Sonora, 2008. NATAL. Anais..., NATAL: UFRN, 2008. 1CD.

ENTREVISTAS

Eduardo Weber – coordenador de produção da Rádio Cultura Brasil AM e FM de São Paulo. Abril, agosto e novembro de 2008.

Élida Murta – assessora da presidência da Rádio Inconfidência AM, FM e OC de Minas Gerais. Setembro de 2008.

Getúlio Neuremberg – supervisor de jornalismo da Rádio Inconfidência AM, FM e OC de Minas Gerais. Setembro de 2008.

Gioconda Bordon - coordenadora do Núcleo de Rádio da Fundação Padre Anchieta, mantenedora da Rádio Cultura AM e FM de São Paulo. Novembro de 2008.

José Roberto Garcez – ex-presidente da Fundação Cultural Piratini, ex-diretor de jornalismo da Radiobrás e atualmente diretor da EBC. 2001, 2002 e 2007.

Liana Milanez – diretora de programação da Rádio MEC do Rio de Janeiro. Novembro de 2007 e maio de 2008.

SITES CONSULTADOS

<http://www.arpub.org.br/> Acessos em 2007, 2008 e 2009

<http://www.fndc.org.br/> Acessos em 2007, 2008 e 2009

<http://www.inconfidencia.com.br/> Acessos em 2008 e 2009

<http://www.radioeducativo.org.br/> Acessos em 2008 e 2009

<http://www.radiomec.com.br/fm/> Acessos em 2007, 2008 e 2009

<http://www.radiomec.com.br/am/> Acessos em 2007, 2008 e 2009.

<http://www.tvcultura.com.br/radioam/> Acessos em 2007, 2008 e 2009.

<http://www.tvcultura.com.br/radiofm/> Acessos em 2007, 2008 e 2009.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.